

# Educação a distância para surdos: uma alternativa ainda limitadíssima

## Resumo

A educação a distância, hoje, é uma realidade, o que suscita o debate em torno da acessibilidade comunicacional para toda a comunidade surda ou ouvinte. O objetivo principal deste artigo é dialogar sobre as possibilidades e limitações da educação a distância para os surdos, na atualidade. A partir de observações empíricas com intérpretes e universitários surdos, que fazem disciplinas a distância, além de entrevistas abertas com os envolvidos e da descrição de problemas decorrentes na utilização dessa ferramenta, foi possível obter alguns resultados preliminares para debater o assunto, no qual teoria e prática estão sendo vividas no ensino superior. Concluiu-se que a educação a distância para surdos é uma realidade possível, porém ainda distante, da mesma forma como ela está para a maioria da população. A *tecnociência*

é uma mercadoria de alto valor e uma realidade restrita para os que detêm o monopólio da ciência e da tecnologia.

**Palavras-chave:** Acessibilidade comunicacional; surdos; educação a distância.

## Abstract

*Distance education is a reality today, which brings up a debate about communicational accessibility for both Deaf and hearer communities. The main objective of this article is to start a dialogue about the possibilities and limitations of distance education for Deaf today. Based on empirical observation and open interviews among Deaf interpreters and undergraduate students engaged on distance education, besides the description of problems originated by the use of this tool, it was possible to obtain some preliminary results to discuss the subject. These results reflect what is being experi-*

Ottmar Teske<sup>1</sup>

"Na prática a teoria é outra"<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Sociólogo. Professor Adjunto do Curso de Ciências Sociais (EAD) da Universidade Luterana do Brasil. Diretor do Instituto de Pesquisa em Acessibilidade - IPESA/ULBRA.

Contato:teske@ulbra.br

<sup>2</sup> Noronha, p. 49, 2001.

Material recebido em maio de 2005 e aprovado em junho de 2005.

*enced at the university in theory and in practice. The conclusion is that distance education for Deaf is a possible reality, although still distant, as it is to most of the population. Technoscience is a high value merchandise and a reality restricted to those who monopolize science and technology.*

**Key words:** communicational accessibility; Deaf; distance education.

## 1. Introdução

O desafio deste artigo para debate remete-nos ao II Congresso Internacional do INES, ocorrido em 2003, no qual realizou-se a seguinte afirmação: "o processo de escolarização dos surdos é diferente dos ouvintes, consequentemente, a leitura e a interpretação dos textos também, pois a comunicação visual exige dos interlocutores outra forma de compreensão. A educação a distância pode ser uma bela alternativa" (Teske, 2003:104).

Também não poderia deixar de citar que nos programas de diminuição de desigualdade social deveriam existir normas para tornar as informações sobre as fontes orçamentárias mais acessíveis, principalmente aquelas referentes à remoção de barreiras comunicacionais na sociedade (TESKE, 2005:358).

A proposta das pessoas surdas ingressarem na universidade, por exemplo, corresponde à democratização do saber, ao exercício dos direitos humanos e à vivência das oportunidades oferecidas, que podem facilitar a conquista da cidadania desse segmento, pois o direito à informação e ao conhecimento e à prática dessa é que vai afirmar que os direitos devem estar submetidos ao direito de ser cidadão.

## 2. A Educação a Distância, sem dúvida, é uma alternativa, AINDA, limitadíssima.

A educação de surdos, assim como o mundo moderno, sofreu profundas transformações nesses últimos quinze anos. É um verdadeiro ciclone em que os(as) trabalhadores(as) encontram-se nas bordas e no olho desse furacão, que arrasta consigo grandes avanços tecnológicos. Porém, AINDA são pouquíssimos os que têm o privilégio desse acesso comunicacional, inclusive os próprios sujeitos que a produzem. No Brasil, segundo as fontes oficiais, somente 8 a 14 milhões de brasileiros têm acesso à *Internet*. Só esse dado aponta para uma exclusão cada vez mais visível no que refere-se à temática acima.

Há uma apropriação privada, na qual a técnica é incorporada pela ciência, e isso se converte no que é conhecido como tecnociência, transformando em mercadoria de alto valor esse instrumento virtual, assimilado gradativamente pela sociedade, tanto no que diz respeito a sua estrutura de poder quanto aos pressupostos culturais e simbólicos que a tecnociência produz no seu cotidiano (ALBAGLI, 1999). Em outras palavras, o processo financeiro e o uso intenso da indústria da informação e do conhecimento formam esse novo cenário, em que o Estado e a Sociedade sofrem significativamente alterações nas suas relações sociais e econômicas, independentemente se pertencem aos países do hemisfério Norte ou Sul.

Talvez seja importante ressaltar, para os que apenas criticam a educação a distância e a absorção das novas tecnologias por parte dos menos favorecidos, que não deveria haver uma exclusão voluntária nesse campo. Ou seja, se a tecnologia e a metodologia de aplicação existem, e estão nas mãos privadas das grandes empresas, elas precisam ser socializadas. Como afirma Cattani, "o caráter predatório do capitalismo e a globalização excludente, a defesa do meio ambiente e da biodiversidade devem estar associadas a iniciativas populares verdadeiramente internacionais" (CATTANI, 2003: 134).

Isso pode significar, para os estudantes surdos, mais uma possibilidade de emancipação, além da prática incondicional da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O aprimoramento da mesma, com uma linguagem técnica, sem perder a razão social, torna-se, nesse sentido, um aliado incontestável. Se a tecnologia está sob uma gestão capitalista, logicamente haverá uma ampliação e um reforço da desigualdade. Por isso, a auto-emancipação das pessoas surdas, assim como dos operários de nosso tempo, não deve retroceder nas suas conquistas, abdicando das novas tecnologias, para levar uma vida mais simples e pacata. Pelo contrário, o desafio que se apresenta é apropriação e administração de forma socialmente mais justa da própria produção científica (Idem, 2003:134), principalmente no que se refere às classes menos favorecidas de nosso país. Por isso, não seria absurdo sugerir, juntar ao programa que combate a fome, um projeto que combata a ignorância tecnológica e a inacessibilidade comunicacional, incluindo equipamentos.

O acesso à informação e ao conhecimento é cada vez mais privado, gerando crescentes desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso nos aspectos acima citados.

**O acesso à informação e ao conhecimento é cada vez mais privado, gerando crescentes desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso [...]**

Outro enfoque que precisa ser levado em conta nesse debate é a crise enfrentada pela ciência nos dias atuais. Recentemente, acompanhou-se a votação do projeto da biosegurança no Brasil. Observa-se que o processo da ciência, na atualidade, expressa-se muito na sua provável aplicabilidade e desconstrução de seus fundamentos, referente aos objetos de estudos selecionados e ao método a ser utilizado — vide o debate sobre as células-tronco.

Portanto, descrever processos da tecnologia, aparentemente inocentes, como é o caso do título deste artigo, requer dos leitores e debatedores atenção, pois juntamente com títulos e temáticas inocentes vem uma imensidão de entrelinhas relacionadas com o futuro da humanidade, no qual somos nós os agentes centrais, por meio de nosso trabalho e da forma como vamos aplicar o conhecimento que produzimos diariamente.

Não é possível perder de vista o relacionamento e percepção dos limites e riscos de um conhecimento gerado para a dominação e controle. No caso dos ouvintes sobre os surdos e vice-versa, ou em relação à “domesticação” da própria natureza.

A tecnociência e o capital estão intimamente relacionados, já que envolvidos na definição de projetos e programas de pesquisa, nos quais interesses de criação de novos mercados fazem-se presentes. No caso das manipulações genéticas, se não houver um procedimento ético, podem ser geradas dramáticas consequências para a “biodiversidade,

especialmente quando a apropriação privada de organismos vivos resulta no controle do mercado mundial de exportações agrícolas e na criação de mecanismos e instrumentos que levam à destruição em guerras instantâneas, à degeneração da vida e à desestruturação social”, como afirma Baumgarten (2001). Segue a autora afirmando que, “por intermédio da tecnociência, o capital penetra nos corpos vivos em busca de novos espaços de exploração: transgênicos, técnicas de clonagem, produção de órgãos, máquinas inteligentes, pesquisas e criações que concretizam assustadoras possibilidades mostradas na literatura ficcional, despertando debates sobre as potencialidades perversas de uma ciência que perdeu a humanidade no (super) mercado” (Idem, 2001).

Ao mesmo tempo, das realidades sombrias citadas acima, temos extraordinários avanços, nessa ambivalência do conhecimento técnico-científico, onde, no caso da comunicação com as pessoas surdas, é possível avançar muito, AINDA que com todas as restrições abordadas de forma generalista acima.

### 3. Contextualizando o cenário teórico-prático da Educação a Distância para surdos.

Para justificar os impactos positivos que a educação a distância poderá trazer à comunidade surda do Brasil, podemos recorrer a uma obra escrita em 1979, por

Richard Rorty, “A filosofia e o espelho da natureza”. Nela, o autor indica no qual aponta que o aspecto prático perde sua força quando corpo e mente, envolvidos na compreensão e entendimento, fazem com que o sujeito identifique-se com o objeto. Nessa perspectiva aristotélica, a mente que conhece não possui um espelho interno que avalia o que o sujeito reconhece. Pelo contrário, nessa perspectiva teórica, a imagem formada na retina já é ela mesma a absorção dos fenômenos do mundo para a interioridade subjetiva. O olho é um espelho (NORONHA, 2001: 80).

Na visão de Rorty, entre os modernos, as representações estão na mente, no olho interno, formando um modelo que avalia as imagens capturadas pelo olho externo. Esse olho interior é a própria consciência cartesiana. Ambas fazem do conhecimento um processo imagético e de espelhamento (Idem).

Nesse sentido, forçando a interpretação do pensador acima, a educação a distância de pessoas surdas e ouvintes não pode ser absolutizada, principalmente no cenário social apresentado acima.

Sobre o aspecto simbólico da EAD<sup>3</sup>, pode-se recorrer a Bourdieu, quando afirma que o poder simbólico, enquanto poder, constitui-se na enunciação de fazer com que a crença e a visão daquilo que se enxerga confirmem a transformação do mundo em curso naquele ins-

<sup>3</sup> EAD - Educação a Distância

tante, do qual a ação, de forma quase mágica, obtém força para mudar fisicamente e politicamente a realidade posta, na qual a mobilização se reconhece. Em outras palavras, o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos, mas esses são determinados (p. 14, 2003). Avançando um pouco mais, no caso da EAD, o poder das palavras, para manter ou subverter ordens pré-estabelecidas, é a crença naquele que as pronuncia, ou seja, não reside na competência das palavras em si, por isso que o poder simbólico é um poder subordinado.

#### 4. EAD para Surdos - Quanto à forma e conteúdo.

Não há por que existir dificuldades para um(a) aluno(a) surdo(a) compreender o conteúdo. A dificuldade reside na forma de apresentação desse conteúdo. Essa discussão já foi amplamente realizada. O diferencial é que a EAD pode ser uma excelente ferramenta, mas é preciso que todos possam se apropriar dela. Ainda no que se refere à forma, não basta, no caso dos surdos, um acesso igual ao dos estudantes ouvintes. Por meio das observações empíricas e pesquisas realizadas com estudantes surdos universitários do Rio Grande do Sul<sup>4</sup>, pôde comprovar-se que as dificuldades residem na forma de transmissão dos conteúdos e na adequação da plataforma EAD.

Salienta-se a existência de tecnologia de ponta, prevendo o mercado para o ano de 2030, no qual muitos de nós já nem mais

**O diferencial é que a EAD pode ser uma excelente ferramenta, mas é preciso que todos possam se apropriar dela.**

estarão debatendo sobre esse assunto, nessa abordagem. Porém, as questões são o “que”, “como”, “de que forma” é possível viabilizar a educação dos surdos hoje, para que não ocorra nenhuma perda no seu processo de conhecimento.

Novamente surge a questão: é ainda a educação a distância para os surdos, é para qualquer outro sujeito limitada, apesar de ser uma das alternativas. Três pontos podem ser relevantes sobre o AINDA:

1. o recurso financeiro para sustentar qualquer projeto de EAD é, ainda, escasso nas instituições públicas ou privadas, para beneficiar os excluídos.
2. A EAD para pessoas surdas está, AINDA, sendo *secundarizada* nas instituições privadas e públicas, exatamente pela falta de recursos financeiros e de formação de pessoal.
3. não é, AINDA, possível fazer a EAD tornar-se uma educação de massa.

#### 5. Um exemplo de EAD na Universidade

É possível perceber que, ano após ano, muitos professores repetem da mesma forma os mesmos conteúdos. Mudam alguma

coisa aqui, outra lá, mas os textos são os mesmos. Se formos utilizar a disciplina de Sociologia Geral, com certeza os professores trabalharão Marx, Durkheim e Weber. Bom, se a ciência possui alguns estatutos que são rigorosamente exigidos nos currículos, no caso da educação de surdos não é diferente. Por exemplo, muitos sinais estudados na aula de sociologia, já assimilados, compreendidos e debatidos, poderiam ser transformados e reelaborados, aperfeiçoados, por aqueles que ainda não tivessem realizado essa disciplina. Se a aula fosse presencial, muito tempo seria poupado com a ferramenta EAD, pois esta não substitui o professor e nem as aulas ou encontros presenciais, mas pode aprimorar e qualificar, instrumentalizando o tutor nas suas aulas.

Seria um processo em que, empiricamente, os intérpretes de LIBRAS e os surdos apreenderiam mutuamente os conceitos sociológicos estudados e os transformariam em novo conhecimento, além da própria avaliação daquilo que lhes é apresentado como informação e conhecimento, como em qualquer outra disciplina.

<sup>4</sup> Pesquisa em andamento - Instituto de Pesquisa em Acessibilidade/Universidade Luterana do Brasil.

## 6. Um exemplo de EAD na Escola

No ensino fundamental, imaginando-se uma aula de ciências na quarta série, sendo ministrada por meio desse instrumento (EAD), poderia acontecer um encontro virtual. Em Porto Alegre, os alunos surdos estão assistindo a uma aula sobre Fotossíntese com seu professor(a) maravilhoso(a). Pensemos num professor surdo, formado em licenciatura, que depurou todos os sinais mais adequados para essa explicação. Digamos que, na lógica do acerto e erro, ele tenha chegado a um equilíbrio, em que seus jovens alunos surdos compreendessem bem a matéria. Complexa para muitos, mas com a experimentação torna-se de fácil compreensão. Com saídas de campo, após visitar o bosque e jardim próximos à escola, o professor faz sua avaliação. Pois ele poderá utilizar toda a tecnologia disponível para fazer isso. Seus alunos poderiam ser todos filmados, sinalizando a aula e reproduzindo o conhecimento, abrindo inúmeros debates sobre o tema, tudo *on line*. Imaginem isso sendo depurado, limpo e transmitido para alunos surdos da quarta série, em Manaus. A comunicação *on line*, a troca de experiência sobre a fotossíntese para os mais interessados, pode até se transformar num livro digital.

Avaliar, observar e registrar tudo num diário de campo eletrônico sempre é um bom recomeço.

**Aliado à tecnologia, no caso da EAD, ocorre um “desacomodamento”, pois não é possível “escamotear” se estamos praticando o pacto da mediocridade [...]**

## 7. Voltando à teoria sobre a valorização da Ciência e Tecnologia

O ensino fundamental precisa ser valorizado intensamente — vide países da Ásia que despontam na tecnologia. Não acontece na academia esse conhecimento, mas é nas escolas fundamentais que se desenvolvem ciência e tecnologia. Por isso, o papel do educador-pesquisador é fundamental. Aliado à tecnologia, no caso da EAD, ocorre um “desacomodamento”, pois não é possível “escamotear” se estamos praticando o pacto da mediocridade, ou seja, “eu faço de conta que ensino e tu fazes de conta que aprendes”, ainda comum em muitas escolas privadas e públicas. Basta lembrar quantos professores nós tivemos assim, que faziam esse pacto. Se desafiados, lembraremos de algum.

Onde estão nossos cientistas surdos? O Instituto Nacional de Educação de Surdos tem a possibilidade de desenvolver um excelente trabalho no campo da tecnologia e ciência, aproximando a universidade da comunidade. Transformar o conhecimento e disponibilizá-lo também por EAD, socializando-o por todo o país.

Construir a aproximação, talvez seja um dos desafios da EAD para surdos, neste momento histórico. Boa parte do século passou-se debatendo sobre a teoria de ensinar melhor os surdos. Ótimo. Agora, “na prática, a teoria é outra”.

## 8. Alternativas emergentes viáveis

1º Passo - Implantação da EAD para surdos nas escolas e universidades.

2º Passo - Prática de uma disciplina previamente selecionada, utilizando a ferramenta, para avaliação.

3º Passo - Filmar aula (disciplina) para avaliação geral.

### 9. Algumas conclusões preliminares sobre as alternativas apresentadas

- Não deveria existir um sectarismo no que se refere à EAD para surdos.

- É preciso fazer aquilo que estiver ao alcance, sem perder de vista que já existe tecnologia pronta para ser lançada ao mercado, no mínimo até 2030.

- É fundamental articular estratégias, nas quais as instituições de educação de surdos têm um papel fundamental, como articuladores dessa rede.

- Fazer a crítica sempre. Ter consciência de que o ser humano não é um ser substituível, pois é único enquanto SER. Portanto, não há motivo de medo, mas cautela, para evitar a espoliação.

- Fazer uma crítica constante sobre a instrumentalização capitalista, do uso mecanicista e tecnicista dessa ferramenta chamada EAD, por parte de muitas organizações educacionais.

- Perguntar antes para o movimento surdo o que, como, de que forma a abordagem seria mais próxima e correta, para evitar desconexões entre a razão técnica e social.

- Ter ciência de que um debate bem realizado evita fracassos futuros com o próprio movimento das pessoas surdas e ouvintes envolvidas.

Como foi apontado no início desse artigo, na prática a teoria pode ser outra. Muitos estudantes surdos e ouvintes afirmaram ser bem mais difícil fazer as disciplinas em EAD, pois a exigência da leitura e da escrita é maior e a prova na modalidade visuo-gestual filmada também aumenta a responsabilidade sobre a compreensão do conteúdo. Não há possibilidade de “colar”, ficando mais difícil o desdobramento. Pois está aberto o debate, no qual a crítica é a alternativa mais viável para produzirmos novos conhecimentos e influenciarmos nos velhos, que reproduzimos sistematicamente. O importante é continuar dialogando sobre o tema.

### Referências Bibliográficas

ALBAGLI, S. **Informação e Globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p.290-313.

BAUMGARTEN, M. **Globalização e Ciência & Tecnologia no Limiar do Século XXI: os Anos 90 no Brasil**. In: BAUMGARTEN, M. **A Era do Conhecimento: Matrix ou Ágora?** Porto Alegre: UNB, UFRGS, 2001, p.89-119.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CATTANI, Antonio D. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

NORONHA, Márcio. **Pragmatismo e Ciências Sociais**. Porto Alegre: MPN, 2001.

TESKE, Ottmar. **Sociologia Textos e Contextos**. Canoas: ULBRA, 2005.

TESKE, Ottmar. **O Processo de Interpretação na Formação e Qualificação dos Surdos no Ensino Superior**. In: **Anais de Congresso: Surdez e Escolaridade Desafios e Reflexões**. Rio de Janeiro: INES, 2003.